

# VARIAÇÃO DO ITEM LEXICAL “PROSTITUTA” NO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ

Romário Duarte Sanches (UFPA/CAPES)<sup>1</sup>

Abdelhak Razky (UFPA)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho objetiva mostrar as variantes linguísticas encontradas no corpus do projeto Atlas Linguístico do Amapá - ALAP para o item lexical *prostituta*. Como pressupostos teóricos utilizamos Labov (2008), além das contribuições de pesquisas geolinguísticas de Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994), Cardoso (2010), Aragão (2009), Guedes (2012) e Benke (2012). A pesquisa segue a abordagem metodológica da geolinguística e da sociolinguística variacionista, numa perspectiva pluridimensional, já que durante a análise dos dados não prevaleceu apenas o mapeamento das variantes em seu espaço geográfico, mas também, levamos em consideração o aspecto social. Assim, consideramos 10 municípios do Estado como pontos de inquéritos: Macapá, Santana, Mazagão, Porto Grande, Laranjal do Jarí, Pedra Branca do Amaparí, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque. O perfil dos sujeitos pesquisados seguem os mesmos parâmetros elaborados para o projeto ALAP que são: 1 homem e 1 mulher de 18 a 30 anos com ensino fundamental incompleto e 1 homem e 1 mulher de 50 a 75 anos com ensino fundamental incompleto. Para obtenção dos dados foi aplicado o questionário semântico-lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. No entanto, delimitamos apenas o item 142. *Prostituta* do campo semântico “convívio e comportamento social”. Os resultados apontam que no Estado do Amapá há uma grande variação lexical para o referido item, totalizando cerca de 20 lexias identificadas para o termo *prostituta*. Observamos também que a variação no aspecto social é mais frequente que a variação geográfica e que algumas das variantes encontradas também podem ser observadas nos dados mapeados e descritos para o Atlas Linguístico do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialetoлогия. Geolinguística. Sociolinguística. Variação Lexical. Prostituta. Atlas Linguístico.

## Introdução

A dialetologia, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), é a ciência que surgiu nos fins do século XIX, e que demonstra até os dias de hoje, um maior interesse pelos dialetos regionais, rurais e sua distribuição e intercomparação. Assim, por muito tempo, antes mesmo de a sociolinguística ter se firmado como um ramo da ciência da linguagem, a dialetologia já se

---

<sup>1</sup>Graduado em Letras pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá - IESAP. Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará - UEAP. Mestrando em Letras com ênfase em Linguística pela Universidade Federal do Pará - PPGL/UFPA. Bolsista Capes. E-mail: [duarte.romrio@gmail.com](mailto:duarte.romrio@gmail.com)

<sup>2</sup>Mestrado e Doutorado em Linguística, pela Université de Toulouse Le Mirail. Pós-doutorado Université de Toulouse Le Mirail. Atualmente, é docente e pesquisador na Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: [razky@ufpa.br](mailto:razky@ufpa.br).

utilizava de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da sociolinguística. Desta forma, quando se fala de dialetologia e sociolinguística compreendem-se ambas como o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala.

Cardoso (2010) amplia o conceito de dialetologia afirmando ser um ramo dos estudos linguísticos que assume a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. As pesquisas dialetais procuram observar as relações entre espaço geográfico e fatos linguísticos na tentativa de compreender o fenômeno da variação linguística a partir dos estudos feitos em campo de pesquisa (*in loco*). No que tange a sua relevância social, Oliveira (2005) mostra que esse tipo de pesquisa está voltado para a diversidade linguística existente no país, em virtude de sua extensão territorial e das influências linguísticas recebidas.

Silva-Corvalán (1988) *apud* Ferreira e Cardoso (1994), corrobora dizendo que a sociolinguística e dialetologia são consideradas, até certo ponto, sinônimas, uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada. Contudo, é indiscutível que a dialetologia trouxe importantes contribuições à sociolinguística e à linguística geral.

A respeito da dialetologia, esta é constituída de um método denominado de geografia linguística, geolinguística ou geossociolinguística, comumente utilizado para elaboração de atlas linguísticos monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais.

Os principais trabalhos e estudos de natureza dialetal no Brasil são descritos por Ferreira e Cardoso (1994), em três grandes fases. A primeira vai de 1826 até 1920, data de publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Os trabalhos de Amaral são caracterizados como estudos voltados para o léxico, do qual, resultaram numerosos dicionários. A segunda inicia-se a partir da publicação de *O dialeto caipira* (1920). O conhecimento empírico da realidade linguística e a ausência de trabalho de campo sistemático, que marcaram a primeira fase, permanecem nesta segunda, porém, agora se tem uma maior preocupação com a metodologia utilizada nos estudos dialetológicos. Destacam-se aqui dois trabalhos, o referenciado na primeira fase, *O dialeto caipira* e *O linguajar carioca* em 1922 de Antenor Nascentes. O marco da terceira fase data do ano de 1952 com o decreto 30.643 de 20 de março de 1952 que previa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Para Ferreira e Cardoso (1994), merecem destaque especial pelos trabalhos até então realizados e pelas contribuições dadas - além da implantação dos estudos de geografia linguística - autores como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

A partir dos estudos dialetais já publicados e os que ainda estão em andamento, torna-se imprescindível a não referência a um dos maiores projetos de cunho dialetal e sociolinguístico firmado no país, o projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

O ALiB é um dos projetos macros de dialetologia e sociolinguística que nasce em meio as discussões anteriores e das pesquisas já realizadas, como mostrado acima. O momento mais importante e que deu impulso para a construção do ALiB foi o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* realizado na Universidade Federal da Bahia em 1996. Conforme Cardoso (2009), esse espaço foi favorável à construção do projeto, pois reuniu pesquisadores no

campo da dialetologia e da sociolinguística, contando com a presença dos autores de atlas linguísticos já publicados, até àquela época.

Atualmente a equipe responsável pela concretização do Projeto ALiB é integrada nacionalmente, contando com a participação de diversas Universidades brasileiras, bem como professores e pesquisadores da área. Alguns dos principais objetivos do projeto são documentar e mapear a língua falada em seus diversos aspectos, correspondentes a 250 localidades distribuídas por todo o território nacional e representativas das diversas regiões. Vale ressaltar que o Projeto ALiB impulsionou significativamente no país a produção de atlas linguísticos de diversas dimensões, alguns já elaborados e outros em andamento.

Contudo, como fruto das diversas pesquisas dialetais e sociolinguísticas, tem-se como um dos projetos de atlas em andamento, o Atlas Linguístico do Amapá - ALAP. Este visa de forma geral documentar e mapear a língua falada em 10 localidades do Amapá, evidenciando os aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. Por meio dos dados já coletados do projeto ALAP objetiva-se mostrar neste artigo a variedade linguística aplicada ao item lexical *prostituta*. Deste modo, como será mostrada mais adiante nos pressupostos metodológicos adotados, esta pesquisa segue a abordagem metodológica da geolinguística e da sociolinguística variacionista, numa perspectiva pluridimensional.

Apresentaremos nas seções seguintes um panorama dos estudos de caráter dialetal já realizados no Brasil, a respeito da variação lexical para o termo *prostituta*, para que assim seja possível visualizar como estão distribuídas, espacial e socialmente, as variantes linguísticas no Brasil e especificamente no Amapá.

### **Variação Lexical para *Prostituta* no Brasil**

Atualmente, os estudos acerca do léxico são inúmeros, abrangendo diversas áreas, bem como lexicologia, lexicografia, terminologia, socioterminologia e entre outras. Em termos de conceituação do que venha ser o léxico, as pesquisas apontam para inúmeras definições, no entanto, adotamos para esta pesquisa o conceito dado por Carvalho (2009). Para autora, o léxico, palavra de origem grega *léxicon*, em sentido lato, é sinônimo de vocabulário. É entendido com o inventário completo dos vocabulários que constam sempre em dicionários de uma língua. Também, considerado como sendo a menos sistemática das estruturas linguísticas, pois o léxico depende, em alguns casos, da realidade exterior, não linguística.

É importante salientar que muitos dos elementos que constituem os itens lexicais evoluem semanticamente como um todo, porém suas partes continuam morfológicamente inalteradas. E, como consequência disso, têm-se formas cuja significação pouco tem a ver com o que se poderia esperar pelas características morfológicas da palavra.

A respeito da variação lexical, pode-se dizer que as mudanças políticas e culturais não causaram, nem causam transformações imediatas no sistema lexical, pois todas as mudanças no léxico resultam da fala, ou seja, do uso da língua - através da fala se produzem as mudanças no sistema lexical, mudando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas. (BASÍLIO, 2007, p. 21).

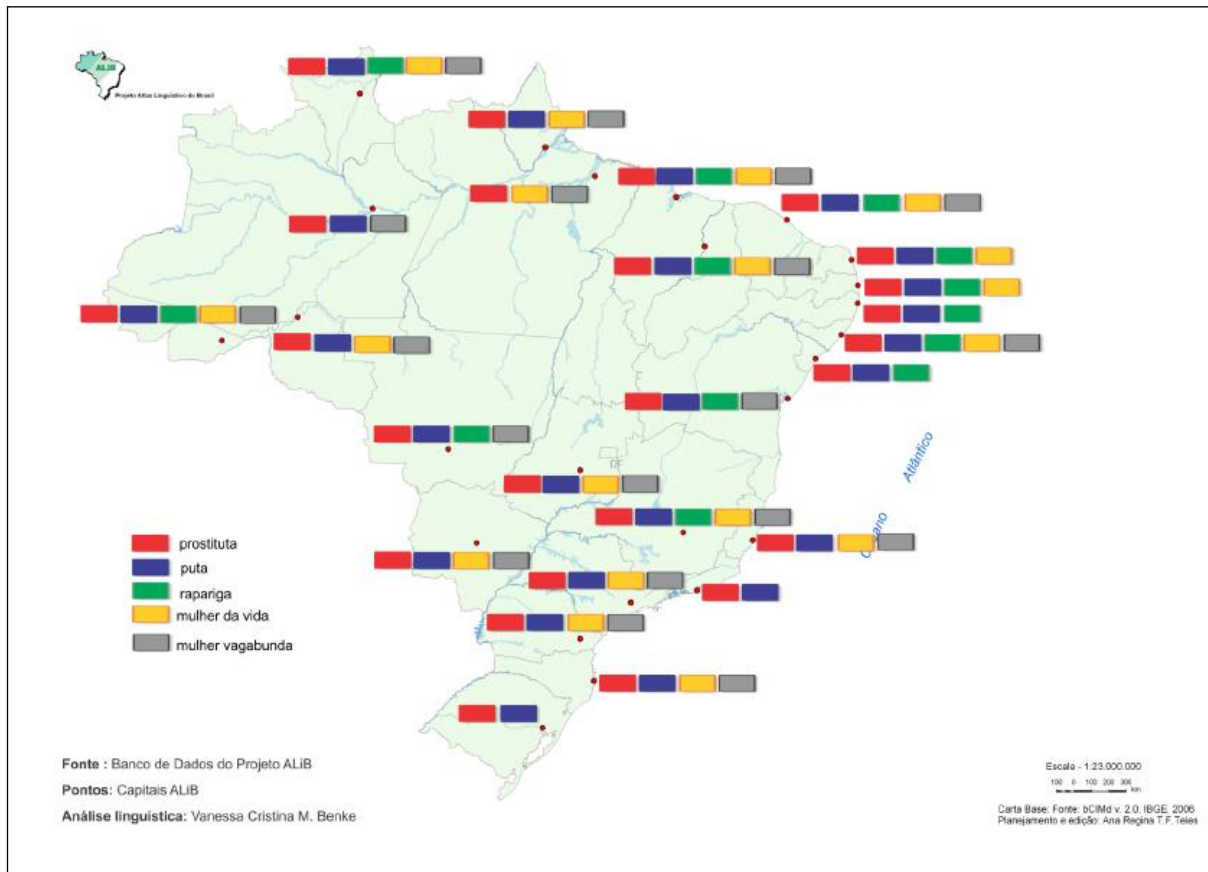
Assim, caberá aos estudos lexicais explicar o uso alternante de certas formas léxicas em determinadas condições linguísticas e extralinguísticas, bem como as diferentes unidades de origem geolinguística presentes em uma dada comunidade linguística, na tentativa de identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico de faixa etária, de profissão, escolaridade, entre outros fatores. De acordo com Aragão (1999), as variações lexicais podem também ser, e geralmente são consideradas, ora como puramente geográficas (dialetais ou diatópicas), como sociais (diastráticas), ou ainda dependentes do estilo (estilísticas ou diafásicas).

Após essa breve introdução sobre o que seria léxico e como acontece a mudança e variação lexical, procuramos investigar os diversos usos linguísticos dado para o termo *prostituta* em alguns trabalhos de cunho dialetal e sociolinguístico que tratam da variação semântico-lexical do item supracitado. Desta forma, encontramos trabalhos como de Cristianini (2007), Almeida (2009), Aragão (2009), Guedes (2012) e Benke (2012) que trazem algumas variantes lexicais para *prostituta* em determinadas localidades do Brasil, bem como todas as capitais.

O estudo de Cristianini (2007) se atenta para a variação semântico-lexical na Região do grande ABC, São Paulo. Em sua tese, ela mostra que para o item lexical *prostituta* somam-se 11 variantes: *prostituta*, *vagabunda*, *galinha*, *mulher de programa*, *piranha*, *meretriz*, *mulher da vida*, *mulher mundana*, *mulher safada* e *quenga*. Já Almeida (2009), elaborou um Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco e, nesse estudou, encontrou como variantes mais recorrentes as lexias: *prostituta* e *rapariga*.

Em relação aos estudos na região norte do Brasil, Aragão (2009) encontra 10 variantes distribuídas entre Pará, Amapá, Roraima, Amazonas, Acre e Rondônia. Tais lexias são: *prostituta*, *puta*, *rapariga*, *mulher da vida*, *mulher de programa*, *garota de programa*, *mulher da vida fácil*, *mulher sem dignidade*, *quenga* e *leviana*. Outro trabalho que contempla o item lexical *prostituta* está na dissertação de Guedes (2012) que documentou as variantes semântico-lexicais na zona rural do Pará. O autor registrou 16 lexias: *prostituta*, *rapariga*, *puta*, *fácil*, *safada*, *trambiqueira*, *vadia*, *mulher de programa*, *garota de programa*, *corre-mão*, *farinha*, *quenga*, *mulher de não se dá valor*, *mãe solteira* e *prima*.

Por último, temos o trabalho de Benke (2012), na qual mapeou, em seu aspecto diatópico, as variantes mais recorrentes para o termo *prostituta* nas capitais brasileiras. A autora registrou 5 variantes: *prostituta*, *puta*, *rapariga*, *mulher da vida* e *mulher vagabunda*. Abaixo demonstraremos a carta linguística, da qual trata o item.



**Figura 01** - Carta Linguística extraída da dissertação de Benke (2012)

De forma geral, constatamos que a variante de maior frequência em todos os trabalhos aqui apresentados é o termo *prostituta*, seguido da variante *Putá*. No entanto, como sugere Benke (2012), o termo *prostituta* requer uma análise mais minuciosa, à luz de outras abordagens que não só a de tendência linguística. Para que então possa ser possível explicar quais os fatores que levaram a maioria dos informantes a denominarem para “mulher que se vende para qualquer homem” de *prostituta* em vez de outras lexias, que empiricamente, são mais recorrentes no dia-a-dia.

### Pressupostos e procedimentos metodológicos

Os dados utilizados para esta pesquisa fazem parte do *corpus* do projeto Atlas Linguístico do Amapá, logo os pressupostos metodológicos que aqui se discorrerá foram os mesmos utilizados pelo grupo de pesquisa ALAP, e que também adota os mesmos pressupostos teórico-metodológicos do projeto ALiB.

Para abordagem metodológica, procuramos seguir os fundamentos da geolinguística, método da dialetologia contemporânea. Centramo-nos em estudos de variação diatópica e social, dando o caráter de um trabalho pluridimensional, já que, além da variável espacial, consideramos também as seguintes variáveis sociais: faixa etária e sexo. Vale ressaltar que a variável escolaridade não será considerada, pois não investigamos os informantes de ensino superior completo, apenas os de ensino fundamental incompleto.

Para coleta de dados, utilizamos o questionário semântico-lexical proposto pelo comitê do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Tal questionário contém 202 perguntas com 14 campos temáticos, no entanto, foram utilizados apenas 1 campo temático que versa sobre *comportamento e convívio social* e, deste campo, destacamos o item 142. *Prostituta: como você chama para aquela mulher que se vende para qualquer homem?* A escolha do item se deu devido ao grande número de variantes obtidas durante a pesquisa. Já para os pontos de inquéritos foram selecionados 10 municípios: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jarí, Pedra Branca do Amaparí, Porto Grande, Tartarugalzinho, Calçoene, Amapá e Oiapoque. Abaixo todos os pontos de inquéritos.

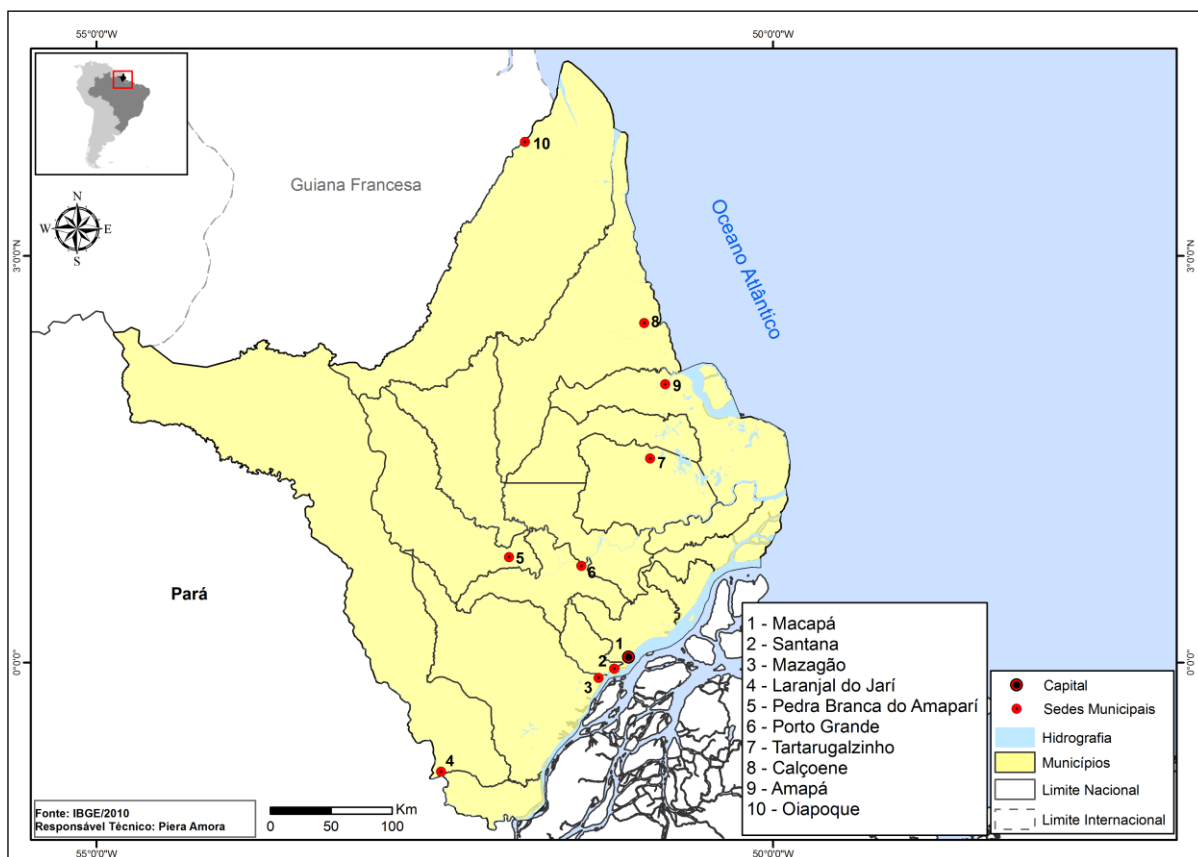


Figura 02 - Pontos de inquéritos

Para cada ponto de inquérito foram selecionados 4 informantes: 1 homem e 1 mulher de 18-30 anos com ensino fundamental incompleto; 1 homem e 1 mulher de 50-75 anos com ensino fundamental incompleto, assim, o *corpus* de dados apresenta no total de 40 informantes. Desta forma, a análise se constituirá da seguinte maneira: a) será apresentada a descrição dos dados, seguido da análise espacial e social das variantes encontradas; b) serão expostas duas cartas linguísticas com todas as variantes encontradas, no entanto, na primeira carta se apresentará as variantes mais recorrentes e na segunda as variantes menos recorrentes, c) será apresentado um quadro com as variantes encontradas e as possíveis entradas em dicionários; neste caso, foram consultados os dicionários Aurélio e Houaiss.

Vale lembrar que cada lexia se encontra identificada por símbolos, neste caso, diferenciados por cores. No que tange à identificação do perfil do informante, o símbolo

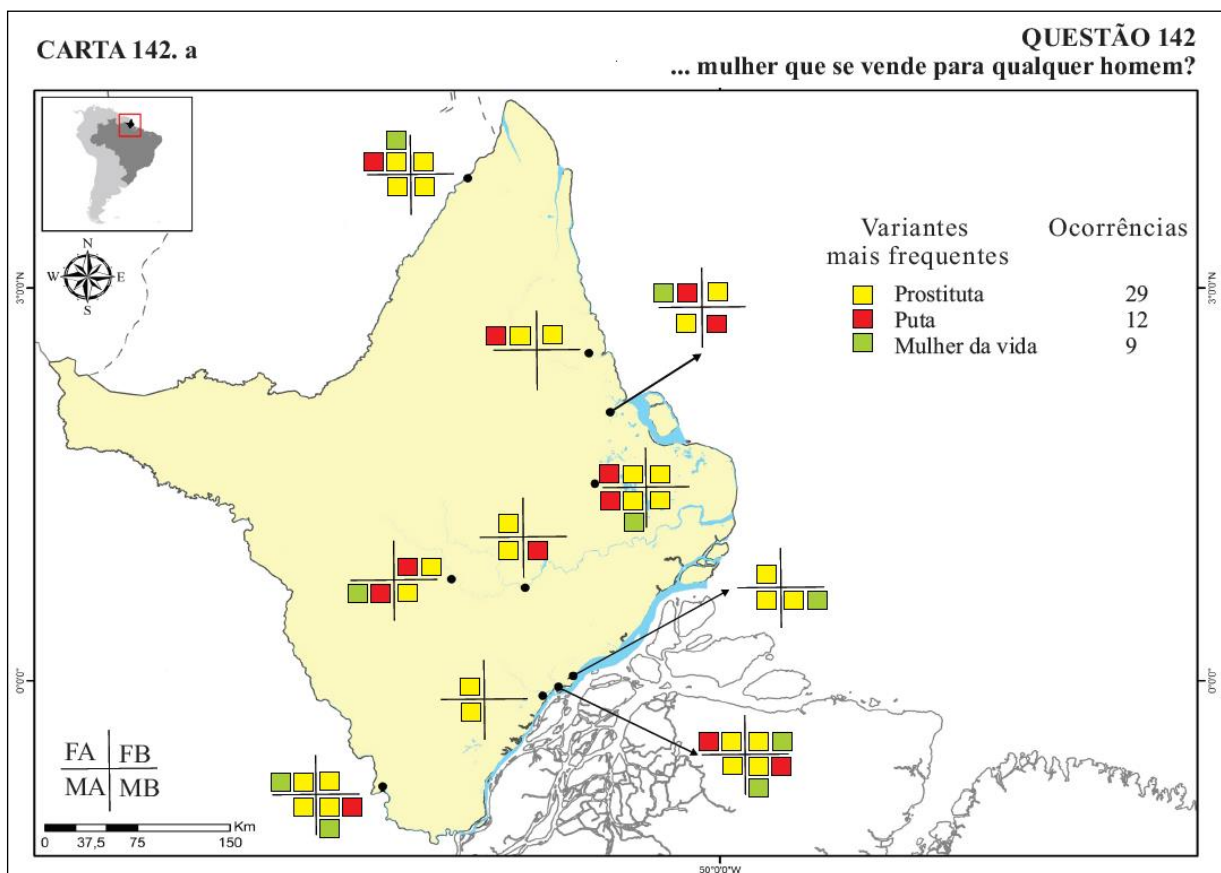
sinalizado pela cruz de estratificação (+) indicará a posição de cada um, em que, do lado esquerdo superior se encontram: informantes mulheres, 18-30 anos (FA); do lado esquerdo inferior: informantes homens, 18-30 anos (MA); do lado direito superior: informantes mulheres, 50-75 anos (FB); e do lado direito inferior: informantes homens, 50-75 anos (MB). Por fim, serão feitas algumas considerações acerca das variantes encontradas no estado do Amapá.

### Variação Lexical para *Prostituta* no Amapá

A respeito da variação semântico-lexical, no que tange ao aspecto espacial, a análise se fará mediante a identificação da ocorrência da variação linguística pela dimensão geográfica, ou seja, verificando se há variações predominantes em localidades específicas do estado do Amapá. Já em relação à variação em seu aspecto social, serão analisadas as variantes verificando o sexo e faixa etária dos informantes como fatores extralinguísticos determinantes.

As cartas 142. a e 142. b tratam da questão 142. Queríamos saber como que as pessoas chamam *a mulher que se vende para qualquer homem?* Diante desta pergunta, registramos no total de 20 variantes: *puta, prostituta, mulher da vida, quenga, garota de programa, periguete, cachorra, depravada, mulher solteira, vagabunda, rapariga, ploque, sem vergonha, mulher da rua, mulher de programa, safada, oferecida, piranha, meretriz e babilônia.*

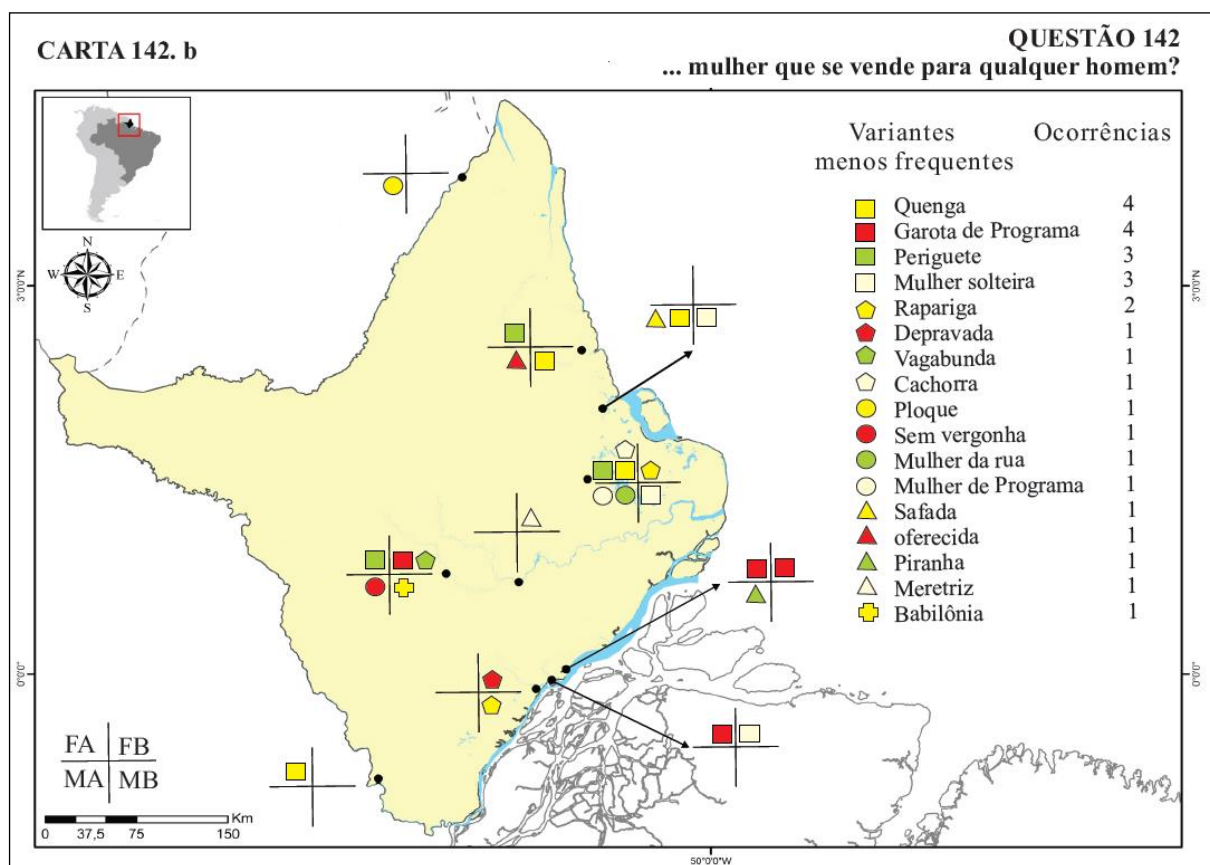
Abaixo mostraremos a primeira carta linguística (142. a) contendo apenas as variantes mais frequentes.



**Figura 03** – Variantes lexicais mais recorrentes



Como demonstrado na carta acima, registramos como variantes mais recorrentes as lexias: *prostituta* com 29 ocorrências (38%), *puta* com 12 ocorrência (16%) e *mulher da vida* com 9 ocorrências (12%). Em uma análise diatópica dessas variantes, constatamos que o termo *prostituta* está presente em todos os pontos de inquéritos, aparecendo na fala de todos os informantes nos municípios de Oiapoque, Tartarugalzinho, Laranjal do Jarí e Santana. O termo *puta* ocorre em quase todos os pontos e somente na capital, Macapá, não foi possível visualizar a ocorrência do termo. Por último, observamos que o termo *mulher da vida* ocorre somente em alguns pontos, não ocorrendo em Calçoene, Mazagão e Porto Grande. No que tange ao aspecto social, as variantes *puta*, *prostituta* e *mulher da vida*, são todas de conhecimento dos informantes. As lexias *puta* e *mulher da vida* se apresentam predominantemente em informantes do sexo masculino de segunda faixa etária e do sexo feminino de primeira faixa etária, também ocorrem na fala de mulheres de segunda faixa etária e de homens de primeira faixa etária, porém, com menor frequência. Já a lexia *prostituta* ocorre predominantemente em homens e mulheres de primeira faixa etária, neste caso, nas mulheres com 28% de ocorrência e nos homens com 27%, enquanto em homens e mulheres de segunda faixa etária, nas mulheres ocorre com 24% e nos homens com 21%.



**Figura 04** - Variantes lexicais menos recorrentes

Em relação à carta 142. b, constatamos como variantes menos recorrentes as seguintes lexias: *quenga*, *garota de programa*, *periguete*, *cachorra*, *depravada*, *mulher solteira*, *vagabunda*,



*rapariga, ploque, sem vergonha, mulher da rua, mulher de programa, safada, oferecida, piranha, meretriz e babilônia.*

Para análise do aspecto diatópico, apresentaremos um quadro localizando as variantes e os pontos de ocorrência:

<b>Variantes</b>	<b>Pontos de inquéritos</b>
Quenga	Calçoene, Amapá, Tartarugalzinho e Laranjal do Jarí
Garota de programa	Macapá, Santana e Pedra Branca do Amaparí
Periguete	Calçoene, Tartarugalzinho e Pedra Branca do Amaparí
Rapariga	Tartarugalzinho e Mazagão
Mulher solteira	Amapá, Tartarugalzinho e Santana
Depravada	Mazagão
Vagabunda	Pedra Branca do Amaparí
Cachorra	Tartarugalzinho
Ploque	Oiapoque
Sem vergonha	Tartarugalzinho
Mulher da rua	Tartarugalzinho
Mulher de programa	Tartarugalzinho
Safada	Amapá
Oferecida	Calçoene
Piranha	Macapá
Meretriz	Porto Grande
Babilônia	Pedra Branca do Amaparí

#### **Quadro 01** – Variantes menos recorrentes distribuídas nos pontos de inquéritos

Em suma, devido ao baixo número de ocorrências, não é possível afirmar que há interferência geográfica na ocorrência das variantes supracitadas, tendo em vista, como mostrado na figura 04, que todas elas encontram-se dispersas por toda rede de pontos.

Para análise social, aspecto diastrático, constatamos que a variante *quenga* é falada tanto por homens quanto mulheres de diferentes faixas etárias. Já *garota de programa* ocorre na fala de homens e mulheres de primeira faixa etária, enquanto as lexias *mulher solteira* e *rapariga* ocorrem na fala de homens e mulheres de segunda faixa etária. Observamos também que na fala de mulheres mais velhas ocorrem as variantes *depravada*, *vagabunda* e *meretriz* e na fala de uma informante mulher de primeira faixa etária há ocorrência da lexia *cachorra*. Outras considerações são as lexias *ploque*, *mulher da rua*, *mulher de programa*, *safada*, *oferecida* e *piranha* que ocorrem na fala de homens de primeira faixa etária e a lexia *babilônia* na fala de um informante homem de segunda faixa etária.

Lexias	Houaiss	Aurélio
1. Babilônia	OA	OA
2. Cachorra	OA	OA
3. Depravada	OA	OA
4. Garota de programa	MA	MA
5. Meretriz	MA	MA
6. Mulher da rua	MA	MA
7. Mulher da vida	MA	MA
8. Mulher de programa	MA	MA
9. Mulher Solteira	MA	MA
10. Oferecida	MA	MA
11. Perigete	ND	ND
12. Piranha	MA	MA
13. Ploque	ND	ND
14. Prostituta	MA	MA
15. Puta	MA	MA
16. Quenga	MA	MA
17. Rapariga	MA	MA
18. Safada	OA	OA
19. Sem vergonha	OA	OA
20. Vagabunda	OA	OA

**Quadro 02** - Variantes menos recorrentes distribuídas nos pontos de inquéritos

Diante dessas discussões e mapeamento das variantes lexicais para o termo *prostituta* no Amapá, é importante verificar como tais lexias estão registradas nos principais dicionários de língua portuguesa do Brasil. Daí a necessidade de consultar os dicionários de Língua Portuguesa Aurélio e Antônio Houaiss. Abaixo listamos todas as lexias investigadas e ao lado a entrada de cada termo nos dois dicionários consultados. Para leitura do quadro, deve-se considerar: MA = Mesma Acepção, AO = Outra Acepção e ND = Não dicionarizada.

Deste modo, observamos que apenas duas lexias ainda não foram dicionarizadas, *Perigete* e *Ploque*. Em relação às demais, constatamos que somente as lexias *puta*, *prostituta*, *mulher da vida*, *quenga*, *garota de programa*, *mulher solteira*, *rapariga*, *mulher da rua*, *mulher de programa*, *oferecida*, *piranha* e *meretriz* foram registradas na acepção de *mulher que mantém relações sexuais por dinheiro*. Já as lexias *cachorra*, *depravada*, *babelônia*, *sem vergonha*, *safada* e *vagabunda* constam nos dicionários, porém, com outra acepção.

### Algumas Considerações

Por meio do que já foi explorado neste artigo, percebemos que as pesquisas realizadas no campo da dialetologia e sociolinguística, que aos poucos se iniciam no estado do Amapá, podem nos revelar muitos fenômenos de natureza linguística e que precisam ser investigados. A construção de um Atlas Linguístico do Amapá é a forma mais concreta de se “fotografar” a língua falada dentro do espaço amazônico, nos possibilitando conhecer o perfil linguístico da região norte. Em relação ao item lexical *prostituta*, vimos que nos dados das pesquisas realizadas em

outros estados e regiões do Brasil, os termos *prostituta* e *puta* são os mais mencionados, tendo em vista que no Amapá também registramos, como variantes mais frequentes, esses dois termos. De forma geral, constatamos que no aspecto diatópico, as variantes lexicais para *prostituta*, tanto em maior quanto em menor frequência, estão bem distribuídas e não há uma interferência de natureza geográfica determinante. Enquanto para o aspecto diastrático, constatamos que fatores sociais como a idade e sexo são determinantes para o uso de algumas variantes.

Outra questão a ser considerada, é a ausência do registro de algumas lexias em dicionários, como os termos *Periguete* e *Ploque*. Além, do registro de outros termos que constam de acepções diferentes, como é o caso do item *Babilônia*. Ainda assim, precisamos de um estudo mais minucioso acerca das variantes lexicais que surgem, talvez, de forma empírica, motivadas pela mídia ou determinadas por um grupo social. Mas isso só será possível de ser estudado em contribuição com outras áreas de conhecimento como a Sociologia, Antropologia, Pragmática, Semântica e tantas outras que podem nos auxiliar na investigação desses fenômenos linguísticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco**. 2009. 121 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ARAGÃO, M. S.. **Variação Fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste**. Revista do GELNE, Ano 1. n. 1, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Léxico Da Região Norte Do Brasil**. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC - Manaus, AM - Julho/2009.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007

BENKE, V. **Tabus Linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. 2012. 314 p. Dissertação (Mestrando em estudos da Linguagem). Departamento de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

CARDOSO, S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB: descrição e estágio atual**. revista da ABRALIN, v.8, n. 1, pp. 185-198 jan./jun. 2009.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CRISTIANINI, A. C. **Atlas semântico lexical da região do grande ABC**. 2007. 635 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FERREIRA, A. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GUEDES, R. **Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

OLIVEIRA, D. **O estudo dialetológico no Brasil**: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho? AGUILERA, V. et al. (orgs.). In: *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.